



## De Luiza (Neto Jorge) a Luís (de Camões), *um ramo contínuo saído da sua raiz*

From Luiza (Neto Jorge) to Luís (de Camões), a continuous branch out of his roots

Evelyn Blaut Fernandes<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto foi escrito em forma de homenagem. Em vez de escrever um texto sobre Luiza Neto Jorge, optei por convocar diversos poetas e falar sobre árvores genealógicas na hipótese de formar uma espécie de linhagem poética a partir do poema "O seu a seu tempo". Esta foi a maneira que me pareceu apropriada para narrar a minha versão da poética sumária da família segundo Luiza Neto Jorge.

**Palavras-chave:** Luiza Neto Jorge; genealogia poética; ler Camões no século XX.

**Abstract:** This text was written in form of tribute. Instead of writing a text on Luiza Neto Jorge, I chose to call many poets and talk about family trees in case of forming a sort of poetic line from the poem "O seu a seu tempo". This was the way it seemed appropriate to recount my version of the family brief poetic according to Luiza Neto Jorge.

**Key-words:** Luiza Neto Jorge; poetic genealogy; read Camões on 20<sup>th</sup> century.

Para Jorge Fernandes da Silveira

Por ocasião do lançamento académico de *19 Recantos e outros poemas*, já havia dito que Luiza Neto Jorge evoca a pedra fundadora da literatura portuguesa. Lembro de ter dito também que o gesto de Luiza como leitora de Camões faz com que a sua "epopeia sumária" reúna dois nomes clássicos: um presente no "acto" da leitura, Luís [de Camões], outro presente no "acto" da escrita, Luiza [Neto Jorge]. E que um poema entre dois atos de criação é citação inter e intratextual, leitura e escrita, relação inextrincável do escrever ler: "Lápide e versão. Indistintamente"<sup>2</sup>. Ao escrever a sua leitura camoniana e a sua leitura Neto Jorge, Luiza "com a mão reúne/ os segredos do tempo" (JORGE, 2001, p.61).

Retomo o meu discurso de onde o havia interrompido, isto é, *contínuo*, porque quero que não só o *poema me ensine a cair*, mas que também o meu texto seja "lição de

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de Coimbra; membro Colaborador do Centro de Literatura Portuguesa da mesma Universidade e da Associação Internacional de Estudos Íbero-Eslavos.

<sup>2</sup> Cf. Levando ao limite, homenagem, o gesto da escrita, posso atribuir os meus textos a joão zorro. Existimos sobre o anterior. O movimento da escrita e da leitura exerce-se a partir da menor mutabilidade aparente da pedra e da maior mutabilidade da grafia. O progresso dos textos é epigráfico. Lápide e versão, indistintamente (BRANDÃO, 1974: s/p).

abismo”, assim como “O Seu a Seu Tempo” “é lição ainda em curso” (SILVEIRA, 2008a, p.17). Que fique claro: não pretendo dar lição de abismo, quero aprender a cair, como tenho aprendido com Adília Lopes:

Entre uma coisa e outra ponho outra, obstaculizo, crio obstáculos, como se gostasse de saltar obstáculos, como se gostasse de falhar. Em criança, gostava de cair no lajedo e de ficar com os joelhos a sangrar para a minha mãe me fazer curativos científicos e piegas. Caí muitas vezes. (...) Eu não fazia de propósito para cair, mas andava de facto a correr com muitos brinquedos nas mãos e não evitava cair. Gostava de cair. Há nisto, talvez, masoquismo, perversidade. Mas também há sentido de responsabilidade porque as bonecas eram minhas filhas e uma mãe não deixa cair as filhas ao chão. Digamos, a brincar, que a minha mãe me deixava cair ao chão. Penso que isso que acabo de escrever é estranho. A relação com a minha mãe é sombria, cheia de sombras. Mãe e filha são como duas árvores que estão perto: vivem e morrem das sombras que fazem uma à outra reciprocamente (LOPES, 2006, p.50).

Ou poderia dizer “Indistintamente”? Porque eu fui aprender com Adília o que ela, ainda que noutra tempo e de outro modo, aprendeu com Luiza: ensinar a cair é uma lição de amor. Basta, para isso, citar as biografias de Adília, digo, “Autobiografia sumária de Adília Lopes” (2002, p.71) e “Microbiografias” (2002, p. 68) e compará-las à “Minibiografia” (2001, p.254), de Luiza Neto Jorge. Ou poderíamos ainda aproximar esta mininarrativa aos poemas de Luiza que apresentam uma discursividade acentuada, até porque este – o de Adília – não deixa de ser, de outro modo, um “Difícil poema de amor”.

Já “O Poema Ensina a Cair”, ensina Jorge Fernandes da Silveira, “é uma lição de abismo” (SILVEIRA, 2006, p.38): “[c]omo se fosse uma homenagem às imagens de amor lírico ou épico em literatura (...) que vão do *fall in love* até o dar de cara no chão, indo de encontro ao *mourir d’amour* ou ao encontro da morte, o poema ensina os modos de cair” (SILVEIRA, 2006, p. 38-39). Insisto nas lições de queda e (re)formulo as hipóteses de Jorge Fernandes da Silveira: “O poema ensina quem a cair? A cair como? Quando? Onde? Em si? (...) Fora de si? No olvido? A cair na real ou imaginária realidade?” (SILVEIRA, 2008b, p.3); de Adília Lopes: “Cair do cavalo/ cair da escada/ cair em mim/ o rés-do-chão é tão bonito/ o chão é tão bom/... é a libertação da queda/ de Adão e Eva/ é

Adão que me estende a mão” (*apud* PEDROSA, 2007, p.7); de Giorgio Agamben: “O que é essa queda do poema no silêncio?” (AGAMBEN, 2002, p.146). “O poema ensina a cair” é um poema didático na medida em que o verso-título sugere que o poema é o lugar de aprendizagem do poema. Com o intuito de sinalizar no título de Luiza o que há nele de pedagógico para a aprendizagem de composições e variações do modo de cair (no poema), cito Roberto Corrêa dos Santos: “Pode-se, portanto, ler em cortes, remontando seqüências, dedicando-se a um trecho, a uma palavra; pode-se também se deixar ir – em ribanceira, em queda ou enlevo orgíacos – dessitiado por todo o poema” (SANTOS, 2008, orelha).

“O poema ensina a cair” apresenta-se como uma prática de intermediação entre as linhas ascendentes e descendentes da poeta: “Escorregam as linhas descendentes/ de um poeta”, é o “Sítio Lido”, “E as chuvas caminham noutra direcção/ para uma página menos escrita.” (JORGE, 2001, p.163). Para Silvina Rodrigues Lopes, o “Sítio Lido” é um duelo amoroso, no sentido genealógico da descendência, já que, não esqueçamos, “o poema/ é um duelo agudíssimo” (JORGE, 2001, p.57). Se quisermos insistir na leitura de Silvina, “o poema é acto que altera quem o escreve e quem com ele se relaciona, se quisermos, quem o lê”, “é acto que altera quem o pratica, escrevendo ou lendo” (LOPES, 2003, p.39), o que não deixa de ser o “seu acto de ser lido” (JORGE, 2001, p.157) um duelo amoroso, uma lição de amor. A citação de “Sítio lido II” caminha agora “noutra direcção”, ou seja, na que mostra, não mais, ou não só, Luiza Neto Jorge como poeta descendente das linhas camonianas, mas naquela que procura os seus descendentes poéticos. Esta é a chave para a hipótese de leitura deste texto, que avança aqui até Adília Lopes e Manuel de Freitas.

Para que se entenda a intenção deste texto-homenagem, busco uma das senhas dadas por Jorge Fernandes da Silveira ao afirmar que “a obra da autora de *O seu a seu tempo*, de 1966, é ainda hoje um revolucionário *corpus* quando se buscam relações *genealógicas* entre o texto literário e o contexto histórico em poesia” (SILVEIRA, 2010, p.11). *O seu a seu tempo* é uma espécie de *Luiza dirige-se aos seus descendentes*, no qual estaria o “leitor de frente para o que é seu a seu tempo, e lugar” (SILVEIRA, 2006, p.48). Desta maneira, o passado pode ser modificado pelo presente tanto quanto o presente pode ser orientado pelo passado: “o seu (dela)” “a seu tempo (dele)”: “novas versões do passado e antigas visões no futuro” (SILVEIRA, 2006, p.49) podem estar, de algum modo, ligadas a estes poemas de saber aforístico por Adília Lopes:

O passado  
é barro

como o futuro  
 O presente  
 é água  
 como a morte (LOPES, 2006, p.71).

O passado  
 é plasticina  
 como o futuro  
 O presente  
 é carnificina (LOPES, 2006, p.72).

Em *O seu a seu tempo*, o tempo é o da poesia, ou melhor, é o tempo dos poetas. Diz Manuel de Freitas no prefácio-manifesto “O tempo dos poetas” [sic] à antologia *Poetas sem Qualidades*, por ele organizada, em 2002: “A um tempo sem qualidades, como aquele em que vivemos, seria no mínimo legítimo exigir poetas sem qualidades”, porque ao “homem reificado, cabe um tempo – e também, cada vez mais, um espaço – sem qualidades” (FREITAS, 2002, p.9-10). Em uma palavra: a poesia **do** seu tempo **no** seu tempo e a seu modo – *O seu a seu tempo*. Para os “poetas sem qualidades”, importa conservar “a relação do(s) poeta(s) com o seu tempo” (FREITAS, 2002, p.11) para compreender a poesia como “uma realidade histórica” (FREITAS, 2002, p.13). São, portanto, *poetas sem qualidades* porque contextualizados a um tempo sem qualidades: um tempo de “reprodutibilidade técnica”, de “sociedade do espetáculo”, tempo capitalista(?) em que “um gênero de portugueses (...) ficaram sem trabalho”, tempo em que repercute o “uso imoderado que deres às tuas/ armas” (JORGE, 2001, p.159). Mas este tempo sem qualidades é também, ou ainda, ou novamente, tempo de práticas mercantilistas, já que “no meu tempo a vida/ era mais em conta” (JORGE, 2001, p. 154).

O título à antologia *Poetas sem qualidades* faz clara alusão a *O homem sem qualidades*, de Robert Musil, assim como Manuel de Freitas cita *L’homme sans qualités*, na epígrafe de “O tempo dos poetas”: “Des temps nouveaux venaient de commencer (il en commence à chaque minute): à temps nouveaux, style nouveaux!”. E tempos novos, se pensarmos bem, são quase *Tempos Modernos*: “as pernas da máquina tuas pernas/ mais concretas” (JORGE, 2001, p.158). Vejamos os versos de Luiza Neto Jorge assim emparelhados:

Não me quero com o tempo nem com a moda (p.254)

Este é o tempo todo que me falta  
e nem é muito nem pouco (p.165)

se bem que cada vez menos o tempo  
me preocupe (p.157)

O tempo de Luiza é, talvez, um tempo voraz no qual “a eternidade coexiste com o tempo a passar” (NUNES, 2000, p.20); um *tempo outro* que guarda a capacidade de a matéria se metamorfosear constantemente: “Pouco tempo um objecto/ pertence à sua matéria/ se bem que cada vez menos o tempo/ me preocupe/ e a matéria seja uma hora/ de os objectos estarem” (JORGE, 2001, p.157). “O seu a seu tempo” é, na verdade, um poema que fala da inapreensibilidade do tempo e do quanto as coisas efêmeras podem ser potencialmente transformadoras: “Que os utensílios criem/ o novo utensílio capaz/ de tudo dizer de si”. E é, sobretudo, um poema que celebra esta metamorfose através de um ato sexual, ou sexuável. Seria bom insistir na leitura do corpo como máquina desejante, força motriz contra a morte, segundo a lição de Bataille, a favor de uma “continuidade profunda” (*apud* NUNES, 2000, p.28):

as árvores postas em marcha  
noutra genealogia (noutra velocidade)  
vindo um ramo contínuo saído da sua raiz  
à raiz da minha idéia.  
(JORGE, 2001, p.158-159)

Uma continuidade profunda se estende como “um ramo contínuo saído” da raiz de uma árvore genealógica. Note-se que, no primeiro verso, “raiz” significa a base de uma estrutura orgânica, de um “edifício que eu para vós/ levantei”, de um “terreno livre”, o eixo de uma planta na qual (ou através da qual) se desenvolvem ramificações secundárias, os seus descendentes, que aí se fixam como a um substrato e dela se alimentam. Note-se que, no segundo verso, a “raiz da minha ideia” é o fundamento da ideia, o elo de vinculação afetiva e intelectual à base do pensamento de uma cultura. Se todo poema é o desvio de um “poema-pai” (*apud* COSTA, 2003, p.87), como disse Harold Bloom, tocar no “parent-poem” da cultura portuguesa é uma forma de recriar o passado e recriar o passado é desafiar o tempo: e recuperar a ficção que dá conta da história de *varões assinalados* e de corpos assassinados é motivo para nova criação. Luiza Neto Jorge é

descendente do mesmo Poeta “Luso-Liso-Lois-Luís” (NÓBREGA, 2015, p.177) que deu nome aos portugueses “com seu ramo, digo, com seu poema” e é a este poema que nos referimos quando dizemos Luso.

Por outro lado, “Baco-Luso é o próprio Camões, que deu de fato nome efetivo à Lusitânia, nome e renome que nem as descobertas de seu tempo lograram ultrapassar. Baco/Luso une as duas histórias: Índia-Portugal. Camões/Luso dá o nome aos portugueses: Lusíadas” (Nóbrega, 2008, p.324). O episódio do Velho do Restelo, cujo discurso ideológico opunha crítica à empresa da expansão ultramarina portuguesa (Cf. OL, IV, 94-104), encontra repercussão nestes versos de Luiza: “Que os descobridores descubram/ o que sempre no exterior/ existe por encontrar” (JORGE, 2001, p.157).

Como leitor de “O Poema Ensina a Cair”, “de acordo com a proposição épica de dar uma visão do seu mundo a seu tempo” (SILVEIRA, 2008, p.4), Manuel de Freitas apresenta em “Cretcheu Futebol Clube” um evidente diálogo com “O poema ensina a cair” que é, aliás, epígrafe do poema de Freitas. Transcrevo a primeira estrofe da primeira parte e a última estrofe da terceira parte:

Este poema vai cair contigo,  
 leitor – modo ínvio de dizer  
 que há um corpo confiscado onde  
 a vida, às vezes, parece possível.  
 (...)  
 Apanhámos outro táxi,  
 talvez demasiado bêbedos.  
 Há ilhas, negros promontórios,  
 que nem o amor – se existisse –  
 saberia redimir, coisas que  
 da morte não ficaram. Mas que tinham  
 de cair, contigo, neste poema. (FREITAS, 2007, p.120-122)

As partes do poema de Manuel de Freitas que recuperam o verso-título de Luiza são curiosamente o início da queda e o fim do poema. “Este poema vai cair contigo,/ leitor” (FREITAS, 2007, p.120) ou: este leitor vai cair contigo, poema? É, a partir deste pedagógico “O poema ensina a cair”, que o “Cretcheu” de Manuel de Freitas, recolhendo certas heranças da modernidade, traça uma espécie de síntese da leitura camoniana (de Luiza Neto Jorge), do seu tempo e a seu modo, que, depois de passar pela Ilha dos

Amores, por Adamastor e por Inês, caiu junto com o leitor no poema. O poema de Luiza caiu no colo, quero dizer, no poema de Manuel, que é, assim como Luiza, rigorosamente atento à (sua) tradição, mas também rigorosamente ao sabor do modo como pretende afiliar-se à (sua) tradição.

Muito da poesia portuguesa recente faz da intertextualidade um modo inteligente de conservar a tensão a fim de *contornar* a tradição que, da paródia à homenagem, da sátira à reescritura, tem refletido uma repetição dialógica. E há poetas como Adília Lopes e Manuel de Freitas que negociam não só com Luiza Neto Jorge, mas também, ou sobretudo, com Luís de Camões. É o caso de “Estudos Camonianos” incluído, não por acaso, em “O rumor das saias de Inês”. É em *Game over* que se encontra esta que é, talvez, a mais emblemática referência de Manuel de Freitas a Camões. Aliás, não seria o *game over* – “aquele jogo triste que não sei jogar” (FREITAS, 2007, p.54) – *um jogo bastante perigoso?*

“Com o fogo”, Adília Lopes cita o verso mais conhecido de Camões. A proposição dialógica com o poeta humanista é uma homenagem, mas ao mesmo tempo satiriza um certo consumismo do “Amor é fogo que arde sem se ver”. Parece que Adília, mais até que o poeta de “Camões burger”, *dirige-se a seus contemporâneos* para “acusar o ainda vigente e equivocado consumo que se faz do legado camoniano” (MAFFEI, 2005, p.317). Adília Lopes reelabora o verso de Camões, aliando-o, de maneira irreverente, ao dito popular “com fogo não se brinca”. O toque cômico está na comparação entre o fenômeno da combustão – “o fogo com fumo” – e o *amor ardente*, que resulta neste aviso amoroso, alertando, no fim de contas, que com “o fogo que arde sem se ver” “se deve brincar menos” porque “custa mais/ a apagar/ do que o fogo com fumo” (LOPES, 2002, p.20).

Se olharmos novamente para as árvores de Adília – “Mãe e filha são como duas árvores que estão perto: vivem e morrem das sombras que fazem uma à outra reciprocamente” (LOPES, 2006, p.50) –, veremos que elas constituem, de algum modo, uma espécie de álbum de família, que, assim como no “Álbum de família” de Luiza, “roeram-se uns aos outros/ amaram-se para além do dia” (JORGE, 2001, p.74). Ambos os *álbuns* apresentam uma relação visceral, uma relação “cheia de sombras”, daquelas que oferecem o abrigo, a proteção na convivência familiar, mas que também acabam por ser pouco iluminadas, maculadas pela própria convivência. As árvores de Luiza, entretanto, são de *outra genealogia*: “árvores postas em marcha” são “árvore[s] ambulante[s]” (JORGE, 2001, p.159), são árvores (lo)comoventes.

Propus, a meu modo, uma espécie de genealogia poética, já que “há na Literatura Portuguesa uma ainda por narrar versão em versos de uma nova história do romance

familiar, uma poética sumária da família segundo Luiza Neto Jorge” (SILVEIRA, 2010, p.18). A fim de estabelecer o reconhecimento de uma linhagem poética sobre a *dimensão do tempo*, ficam assim estabelecidos, neste texto-homenagem, os tempos dos Poetas por eles mesmos:

1. Luís de Camões:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades;  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.  
(*apud* ANDRADE, 1978, p.56)

2. Manuel de Freitas:

Os tempos mudaram, claro (e as vontades foram  
encontrando novos alvos), mas a comédia dos ossos  
veio para ficar, incerta, numa praia  
insigne de enganos e misérias.  
Agora, num intervalo cibernáutico medido  
pela ignorância pública, lembram-se  
d’*O Poeta* e de uns versos que a memória canta,  
propícios às presidências que tão mal presidem.  
(FREITAS, 2002b, p.45)

3. Adília Lopes:

Acabou  
o tempo  
das rupturas

Quero  
ser  
reparadora  
de brechas. (LOPES, 2006, p.24)

4. Luiza Neto Jorge:

Acho-me é o meu domínio

em perseguição automática  
 todo o eixo da gramática tendo à  
 disposição

as móveis vertigens diárias  
 os écrans de cinema os eixos  
 as pernas da máquina tuas pernas  
 mais concretas  
 as árvores postas em marcha  
 noutra genealogia (noutra velocidade)  
 vindo um ramo contínuo saído da sua raiz  
 à raiz da minha idéia.

### **Bibliografia**

- AGAMBEN, Giorgio. O fim do poema. **Cacto**. São Paulo: Edições Alpharrábio, nº 1, 2002.
- ANDRADE, Eugénio de. **Versos e alguma prosa de Luís de Camões**. 4ª ed. Lisboa: Moraes Editores, 1978.
- BRANDÃO, Fiama Hasse Pais. **O texto de Joao Zorro**. Porto: Limiar, 1974.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Ed. Emanuel Paulo Ramos, Porto: Porto Editora, 1980.
- COSTA, Horácio. “Quadros Revoltados”: a imagem em movimento em “O sentimento dum Ocidental”, de Cesário Verde. **via atlântica**, nº 6, out. 2003.
- FREITAS, Manuel de. **Poemas**. Organização e prefácio Luis Maffei. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2007.
- \_\_\_\_\_. O tempo dos puetas. **Poetas sem qualidades**. Lisboa: Averno, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Game over**. Lisboa: & etc., 2002b.
- JORGE, Luiza Neto. **Poesia**. Organização e prefácio Fernando Cabral Martins. 2ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2001.
- \_\_\_\_\_. **19 Recantos e outros poemas**. Organização de Jorge Fernandes da Silveira e Mauricio Matos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- LOPES, Adília. **Le vitrail la nuit \* A árvore cortada**. Lisboa: & etc., 2006.
- \_\_\_\_\_. **Antologia**. São Paulo; Rio de Janeiro: Cosac & Naify; 7Letras, 2002.
- LOPES, Silvina Rodrigues. Sítio secreto. **Exercícios de aproximação**. Lisboa: Vendaval, 2003.

MAFFEI, Luis. "O vate de Freitas ou 'Camões decerto não se importará'". **Gragoatá**. Niterói, vol. 18, 1º semestre de 2005.

NÓBREGA, Luiza. **O canto molhado – Metamorfose d'Os Lusíadas**. Lisboa: Aqua, 2008.

\_\_\_\_\_. "Luso-Liso-Lois-Luís: a dissidência lúdico-linguística subliminar n'Os *Lusíadas*". **Revista Colóquio/Letras**, nº 188, jan. 2015.

NUNES, José Ricardo. **Um corpo escrevente: a poesia de Luiza Neto Jorge**. Lisboa: & etc., 2000.

PEDROSA, Célia. Adília e Baudelaire: leituras do fim. **Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, vol. 9, n.1, jan-jun 2007, Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517106X2007000100009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517106X2007000100009&script=sci_arttext).

Acesso em 30 mar 2010.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. Orelha. **19 Recantos e outros poemas**. Organização de Jorge Fernandes da Silveira e Mauricio Matos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. Aparelhando Luiza. **Relâmpago – revista de poesia**, nº. 18. Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava, 2006.

\_\_\_\_\_. Implicâncias: Luiza, duas ou três coisas à minha maneira. **19 recantos e outros poemas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008a.

\_\_\_\_\_. O retorno do épico ou as palavras entreditas. **II Seminário Poéticas Contemporâneas, Subjetividades em Devir**. Niterói: UFF, 2008b.

\_\_\_\_\_. 20 anos sem Luiza, os meus, por ela mesma. In. ALVES, Ida (org.). **Um corpo inenarrável e outras vozes**. Niterói: EdUFF, 2010.